

# GAIO

BOLETIM ELETRÔNICO DAS  
XII JORNADAS DA EBP - SEÇÃO SÃO PAULO

# #04



*Escola Brasileira  
de Psicanálise*  
Seção São Paulo

## SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 ESCRITA GAIA
- 12 EIXOS TEMÁTICOS
- 20 ESP DE UM RISO
- 21 ESTÃO FAZENDO ARTE
- 24 ACONTECE NA CIDADE
- 25 RSRRSRS

#04 – AGOSTO 2023

## EDITORIAL

Luciana Ernanny Legey  
Participante da Comissão de Boletim

A proposta desse quarto Boletim das XII Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo, que acontecerá em outubro com a presença de Gustavo Stiglitz, é estimular os colegas a dividirem com a comunidade analítica o que vem ocorrendo em suas práticas clínicas em torno do tema riso.

Desde o lançamento em abril deste ano, quando Rômulo Ferreira da Silva, coordenador das Jornadas, nos presenteou com um argumento instigante repleto de ideias e perguntas em torno do riso, as comissões vêm trabalhando para que o riso “se espalhe” e produza interpretações das mais variadas entre nós. Ele nos faz uma afirmação: “o riso é uma chave política, tanto da sociedade como da clínica de orientação lacaniana” e ainda nos atíça a apostar que é. Quem arrisca?

De Freud a nós, psicanalistas do século XXI, o riso tem aparecido como chiste: “(...) o processo psicológico que o comentário chistoso nos provoca, e sobre o qual repousa o processo cômico, consiste na imediata transição dessa atribuição de sentido, dessa descoberta da verdade, dessa concessão de consequências, à consciência ou impressão da relativa nulidade.”<sup>1</sup> **ou** como humor, significante que aparece inclusive nos testemunhos de passe de nosso convidado de honra nessas jornadas: “Fazer rir sempre foi fonte de satisfação ainda que a custa de certa degradação na infância”.<sup>2</sup> Qual a diferença entre as duas vertentes e outras mais contemporâneas que interessam na direção de tratamentos psicanalíticos em curso ou que surgirão para nós?

Enquanto esperamos o que Gustavo Stiglitz nos dirá sobre isso, nossa aventura agora será a leitura deste Boletim Gaio 4 que se inicia com três textos epistêmicos na rubrica **Escrita Gaia**, sendo o primeiro escrito por Dalila Arpin, o segundo por Andréa Eulálio de Paula Ferreira e o terceiro por Silvia Jacobo.

Dalila em seu divertido texto “Dedicatória falha”, nos brinda com um relato precioso e divertido sobre as repercussões em sua análise a partir de um encontro inusitado com seu analista fora do consultório. O ato falho do analista – isso mesmo, do analista – lhe causa uma perplexidade seguida de novos equívocos com associações importantes e finalmente risadas – uma melancólica rindo - o que a empuxa em direção à sua jornada na queda do Sujeito Suposto Saber. O analista como sujeito barrado lhe desperta para toda a dimensão de sua relação com o Outro: “No encontro com o Outro, não há Outro, mas relação de sujeito a sujeito.” Ao fim de sua análise conclui que a partir desse *Witz* pôde tratar seu sintoma de insatisfação melancólica com o humor. Uma solução interessante e que nos demonstra a importância da transferência analítica.

Em seguida, o texto “O instante fugaz de um *Witz*” de Andréa Eulálio de Paula Ferreira, faz complemento ao texto de Dalila Arpin, remetendo ao Seminário 24 onde Lacan propõe uma



Fotografia de Sofia Borges da série “Ensaio para Degas”, 2022

1 FREUD, S. (1905) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII, p. 24-25.

2 STIGLITZ, G. “Bom dia, Escola Una”. In: *Opção Lacaniana* n. 56, outubro d/2010, pg 73.

nova leitura do *Witz* articulando-o à interpretação analítica. Essa nova leitura trazida por Andréa é apresentada na perspectiva de dois fragmentos clínicos. No primeiro, a analista, tirando proveito da posição irônica e insolente da criança diagnosticada como “Hiperativa”, faz um forçamento através de um gesto de contenção em seu corpo para que o enigma da sexualidade possa entrar em seu discurso, antes sem lei. No segundo, uma gargalhada da paciente irrompe na sessão, até então carregada de lágrimas e queixas de seus des(encontros) amorosos, e precipita o encerramento com a aposta da analista de que algo do verdadeiro “encontro” possa surgir. É no encontro contingente com o analista que torna o inconsciente operatório.

“Se o efeito da interpretação provoca o riso é porque às vezes acerta o alvo” é assim que Silvia Jacobo encerra seu texto teórico. Ela nos traz sua reflexão em torno do caminho percorrido por Freud e Lacan a respeito da variação no trabalho da relação com a língua e o efeito do chiste na interpretação que toca o gozo. Silvia trabalha, assim como Dalila e Andréa, o saber fazer do chiste comparando-o com o enunciado interpretativo no ponto em que toca o gozo.

O cartel que trabalhou o **Eixo 3** na versão da clínica apresentou seu texto “Modo de Usar ou Manual do Riso na Clínica” na atividade preparatória dessa semana na sede da EBP de forma divertida e informativa no formato de um manual. Ideia brilhante! Será daqueles textos que se tem na mesa de cabeceira de qualquer analista.

Em **Esp de um riso**, Marco Aurélio Monteiro Peluso nos remete com o texto “*Witz* – o prazer da surpresa e a surpresa do prazer” ao Seminário 5 onde Lacan trabalha o chiste por uma via outra além do alívio e harmonia alcançados pelo riso, como nos aponta Rômulo Ferreira da Silva no argumento de nossas Jornadas<sup>3</sup>. Pensando no bom uso do *Witz* na clínica, tema desse Boletim, esse verbete se encaixa muito bem com os textos da **Escrita Gaia** que apontam ao saber fazer do analista que faz bom uso do *Witz* nos tratamentos que conduz.

Na rubrica **Estão Fazendo Arte**, o texto de nossa coordenadora da Comissão de Arte e Cultura, Flávia Corpas “Do que ri “Mona Lisa”?” nos convoca a pensar sobre a primeira obra de arte que nos remete ao riso e sua repercussão contemporânea não apenas na psicanálise, mas também no mundo. Quem já não deu um “sorriso monal”?

“O teatro é uma tecnologia de presença e encontro”. É o que a rubrica **Acontece na cidade** nos traz com a indicação de duas peças de teatro em cartaz em nossa cidade.

Espero que tenha conseguido lhes deixar curiosos para a leitura desse Boletim recheado de textos, referências, obras de arte, livros e teatro, produzido com o intuito de inspirar a todos que pretendem escrever trabalhos para a jornada clínica articulados ao **Eixo 3**. Sabemos do volume de trabalho que nos desafia nesse semestre até a realização do próximo congresso da AMP em fevereiro de 2024 “Todo mundo é louco”, mas dizem que Freud já tinha nos alertado em 1909 - “Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste”. O último dia para o envio de trabalhos é 10 de setembro, pouco menos de um mês, portanto, animem-se, arrisquem-se que vai valer a pena a discussão.

---

3 <https://ebp.org.br/sp/jornadas/xii-jornadas-r-i-s-o/xii-jornadas-r-i-s-o-argumento/>

## ESCRITA GAIA

### DEDICATÓRIA FALHA<sup>1</sup>

Dalila Arpin  
AME da ECF/AMP

Do ponto de vista do inconsciente, o ato falho é um ato bem-sucedido. No meu caso, foi uma dedicatória, e o ato falho não foi o meu.

Durante um encontro do PIPOL<sup>2</sup>, meu analista autografa e escreve dedicatórias. Eu me aproximo dele para lhe pedir uma. Ele me diz que não dormiu bem. Estou perplexa! Ele diz isso logo a mim, que sou insone? Com a dedicatória feita, saio com meu exemplar.



Room in New York (1932), Hooper

Ao chegar no hotel, eu “leio” a dedicatória a uma amiga que compartilha o quarto comigo: “à Dalila Arpin, que sabe se orientar de sua relação com o inconsciente”. Mas, chegando em Paris, eu a mostro a meu marido, que a lê de verdade e me diz: “ele não colocou seu primeiro nome”. Eu olho e, para minha grande surpresa, descubro que ele escreveu o nome de uma das minhas amigas. Essa amizade era o paradigma de um antigo sintoma: ter uma “melhor amiga”, com quem eu tinha uma relação fusional, seguindo o modelo da minha mãe e da irmã dela. Essa amiga tinha traços da minha tia, como os olhos claros. A similitude do meu nome com o nome da amiga da dedicatória fazia com que os colegas do Campo Freudiano nos assimilassem. No início da minha análise, eu ficava furiosa, porque muitas vezes essa confusão era em meu detrimento. Mas desta vez, desato a rir. Nessas ocasiões, como as assinala Freud em “O chiste e sua relação com o inconsciente”, a transformação de uma situação (traumática) em *witz* já é uma manifestação do inconsciente.

Saindo da sessão em que evoco esse acontecimento, passo na frente da loja “The Kooples”. Pela primeira vez, percebo o equívoco que esse nome esconde. O significante está aí, pois não só estou preparando um volume sobre os “Casais famosos”, mas também o casal, ou mesmo as amigas, acabaram sendo as soluções que encontrei para a solidão que me assombrava quando criança. Nesse momento, uma ideia atravessa minha mente: “atrás do grande Outro, se esconde um pequeno outro”. Mas, por onde se produziu essa associação?

Na dedicatória, o analista aparece como sujeito barrado: ele não dormiu bem, ele cometeu um *lapsus calamit<sup>3</sup>* no nome de sua analisante... Desde então, pela via da transferência, é a relação ao Outro que é tocada. E meu riso testemunha a distância tomada em relação ao Outro,

1 Texto originalmente publicado na Revista *Mental*, n.36, “L’inconscient, intime et politique”, nov. 2017. Agradecemos a autora que amavelmente autorizou a tradução.

2 Congresso Europeu de Psicanálise.

3 Expressão latina usada para justificar um erro que se cometeu ao escrever. (Nota da tradutora)

como resultado de uma análise. No encontro com o Outro, não há Outro, mas relação de sujeito a sujeito: “Esse reconhecimento [dos signos da relação do sujeito ao inconsciente] não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual – tornada aí relação de sujeito a sujeito, sujeito em que ele é apenas efeito de um saber inconsciente – para de não se inscrever”<sup>4</sup>. A relação com o parceiro ocupou um lugar importante na minha análise. Sempre tive dificuldades em terminar com meus parceiros. E isso tocava a separação, presa na rede da fantasia do abandono. Se eu me sentia obrigada a ficar com meus parceiros, eu também os colocava no lugar de grandes Outros, aos quais eu me submetia, os obedecia, como álibis da expressão do meu desejo. A insatisfação que mantinha, deixava-me melancólica. Então, para mim, o parceiro era um Outro não barrado. Desde então, pelo viés dessa “dedicatória falha”, se abre para mim a possibilidade de ter uma relação diferente com meu parceiro: Lacan precisa que no encontro “não há outra coisa senão o encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual”<sup>5</sup>.

Dois anos depois, dois sonhos marcam a queda da transferência e eu termino minha análise.

No primeiro, sonho que vou para a supervisão. O supervisor recebe na sala dos meus pais. Distraio-me com uma professora que *passa* com crianças da *escola*. Enquanto tento retomar o caso que expunha, encontro-me diante de uma porta. Quando a abro, o supervisor havia sido engolido com sua poltrona. No segundo, vou a uma sessão e me divirto com os outros analisantes que esperam. Quando parto, percebo que não vi nem escutei o analista.

No meu caso, o *witz* que inicia a queda do Sujeito Suposto Saber antecipa a solução que encontrei para o meu sintoma na minha cura: o humor para tratar a melancolia.

Tradução: Élide Biasoli

---

4 LACAN, J., *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008, p.155.

5 *Ibid*, p. 156.

## O INSTANTE FUGAZ DE UM WITZ

Andréa Eulálio de Paula Ferreira  
Membro da EBP/AMP

Em *O seminário, livro 24*,<sup>1</sup> *L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Jacques Lacan propõe uma nova leitura do Witz articulando-o à interpretação analítica: “Se vocês são psicanalistas, verão que o forçamento é por onde um psicanalista pode fazer soar outra coisa que o sentido. (...) O sentido tampona. (...) É de uma outra ressonância que se trata, a ser fundada sobre o chiste. (...) Ele não se sustenta senão de um equívoco, ou como diz Freud, de uma economia”.

Na clínica com crianças, somos surpreendidos com a dimensão do gozo e do sem sentido com que as palavras recaem sobre elas. É o encontro contingente com o analista que torna o inconsciente operatório – em seu efeito de separação das palavras impostas a elas como forma de tratamento do real que lhes pressiona<sup>2</sup>.

Bia, 8 anos, encontra-se, nas primeiras sessões, numa espécie de profusão pulsional. Agita-se, fala ininterruptamente – sem significar algo com seu dizer –, apresenta acessos constantes de rai-va, além de um comportamento desafiador de quem não tolera limites e faz somente o que lhe dá prazer. “Hiperatividade” é como a mãe nomeia o que acontece com o corpo agitado de sua filha.

Durante uma brincadeira, Bia põe-se a falar, comicamente, com o sotaque nordestino do pai, ao qual sempre se refere com ironia e insolência. Passo a conversar com ela com o mesmo sotaque. Bia ri muito. Em seguida, Bia passa a conversar em inglês, dada a desenvoltura que ela tem com essa língua. Ao encerrar a sessão, digo-lhe “see you later”, e Bia indaga com visível excitação: “você está no cio?”. Devolvo-lhe a pergunta ao mesmo tempo que a encaminho à porta. Quando ela faz menção de voltar, empurro-a com firmeza para fora da sala.

Na sessão seguinte, Bia chega surpreendentemente tranquila, e uma série de perguntas passam a se articular. Ao se referir a uma figura e dizer “olha, é um gay”, ela esclarece que “um gay é um homem que gosta de outro homem”, e daí por diante.

A interpretação da analista, contida no gesto de contenção do corpo de Bia, possibilitou que a fala de Bia deixasse de ser pura vociferação dirigida ao pai que, até então, a privava de dar qualquer significação sobre o sexual. Diante do impossível de dizer, a frase “você está no cio”, enquanto le-



Memória 2 (2000), Yue Minjun

1 LACAN, J. Rumo ao significante novo – A variedade do sintoma. In: Opção Lacaniana 22 (agosto de 1998). Aula 19 de abril de 1977.

2 REGO BARROS, M.R.C. Lo que el inconsciente enseña a un niño. In: *Notas de niños. Revista del Departamento de Investigación de Psicoanálisis con Niños CIEC-NRC*, año 3, n. 3, Córdoba, septiembre, 2018, p.25-26.

tra que promove a articulação de um SI à presença viva do gozo permite que esse sujeito produza sentidos discursivos sobre o enigma da sexualidade que, antes, agitava-lhe o corpo<sup>3</sup>.

Estaríamos aqui diante de um *Witz* fundado no sem sentido, por meio da intrusão de lalangeue? Para Jacques-Alain Miller há uma modalidade na qual o chiste e o cômico estão misturados. Se trata de uma expressão codificada em uma língua e, utilizando as assonâncias, opera-se uma transferência de uma língua a outra sem passar pelas dimensões semânticas, mas pela assonância<sup>4</sup>.

Em seguida, apresento um fragmento em que o tema do (des)encontro amoroso pôde ser tratado em sua dimensão cômica a partir de uma situação corriqueira na vida dos parceiros; especialmente em momentos nos quais algo “não anda” ou algo sempre escapa.

Ela deita-se no divã e, mais uma vez, lamenta-se do descompasso temporal entre ela e o parceiro. Ela sempre atrasada, ele sempre adiantado. Discorre sobre uma série de acontecimentos nos quais a dimensão antagônica existente entre a espera e o encontro remete à maneira como a erótica do tempo afeta seu corpo.

Chorosa diante de tantos desencontros, recorda a cena em que os dois estão saindo de uma montanha-russa e ela, ainda ofegante, atônita e recuperando-se do “stress emocional”, vê o parceiro correr descomedidamente em direção ao próximo brinquedo e agarrar, por engano, a mão de outra mulher. Nesse momento, ela irrompe numa sonora gargalhada, e interrompo a sessão.

O que esperar dos efeitos dessa gargalhada na sessão analítica?

Na fugacidade dessa cena, ao ser surpreendida pelo encontro contingente com um elemento novo, algo cai para essa mulher enquanto objeto de desejo do homem. Poderíamos dizer que a gargalhada revela o que estava há muito encoberto? Ou seja, o homem que agarra a mão de “qualquer uma” desnuda para essa mulher, para além do embaraço da cena, o lugar que ela ocupa na parceria amorosa – o de “qualquer uma”?

A gargalhada, nesse caso, vem no lugar de uma interpretação?

“Não se pode evitar de pensar o que Freud disse a respeito da interpretação: que ela deve ser como salto de leão. Ele só salta uma vez”.<sup>5</sup> Segundo Esthela Solano<sup>6</sup>, cabe ao analista, ao escutar sonoridade dos ditos do analisante e a percussão de um equívoco, que ele possa intervir no espaço de um instante, e que não seja nem muito cedo nem muito tarde.

A irrupção da gargalhada – acolhida de modo vivo – permite que algo se desloque e opere de um outro modo, relançando essa mulher a um outro tempo, uma Outra cena, e, quem sabe, dar um novo rumo na vida amorosa.

---

3 Comentários feitos por Antônio Teixeira (mais-um) a partir das discussões do cartel para as Atividades Preparatórias da Jornada “Acontecimento de corpo: da contingência à escrita. <https://www.jornadaebpmpg.com.br/2021/a-interpretao-nos-tempos-do-falasser/>

4 MILLER, J-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 379.

5 MILLER, J-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires, Paidós, 2012, p. 374.

6 SUAREZ E.S. *Le moment de l'interprétation*.

<https://journees.causefreudienne.org/le-moment-de-linterpretation/?print=pdf>

## O RISO, EFEITO DE AFETO NO CORPO

Silvia Jacobo  
Correspondente da EBP  
Colaboradora do Clin-a

*“... o efeito do inconsciente tem nos demonstrado até os confins de sua preciosidade, que o rosto que nos revela é o mesmo do espírito na ambiguidade que confere à linguagem, onde a outra cara de seu poder régio é a “agudeza” pela qual sua ordem inteira se deslumbra em um instante - agudeza em efeito onde sua atividade criadora desvela sua gratuidade absoluta, onde sua supremacia sobre o real se expressa no desafio do sem sentido, onde o humor, na graça malvada do espírito livre, simboliza uma verdade que não disse sua última palavra”<sup>1</sup>.*

Em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” Lacan já destacava a ressonância semântica das palavras e seus efeitos de evocação, de fazer escutar aquilo que não se diz em seus efeitos poéticos anunciando, já no início de seu ensino, o que será o modo de dizer próprio da interpretação.

A agudeza deslumbra em um instante a ordem inteira da linguagem, revela e indica em sua fugacidade, no desafio do sem sentido, que não há última palavra, vale dizer que indica a inconsistência do Outro. O *Witz* subverte o sentido, faz vacilar os semblantes, o Outro sanciona um pouco de sentido, se surpreende e ri e, nessa mesma operação, o barra. O chiste se serve do humor e do sem sentido e faz passar algo novo no dizer perto de um real que se pretende desconhecer. “É um instrumento do qual se serve a língua para enodar algo que não se pode dizer”<sup>2</sup>, algo inquietante na graça malvada, a satisfação de um gozo indizível.

A agudeza irrompe como um clarão que ilumina uma verdade não dita e faz tremer o senso comum para indicar “sempre ao lado” uma verdade. Assim, verdade subjetiva, criação e inconsciente se enlaçam na agudeza fazendo emergir o novo.



Masks, James Ensor

1 LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.271.

2 STIGLITZ, G. *Witz*, o peor. In: *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*. Ano XVI, nº 29, 2021, p.106.

A atividade criadora que Lacan destaca no trecho citado, articula o chiste à “estética da linguagem”<sup>3</sup> que estaria na ordem de um saber fazer ali, um bem dizer, um ler de outro modo que a operação mesma do chiste demonstra.

A surpresa é consubstancial ao desejo e abre a enunciação e ao riso “sombra feliz, o reflexo da antiga satisfação”<sup>4</sup>. Se reproduz um prazer antigo e ao mesmo tempo dá acesso a um saber novo. O sentido se reduz, e a sombra feliz, o riso, recai sobre ele, a fuga de sentido se detém por um instante.

“Um minuto antes, digamos, não sabemos ainda o chiste que faremos, e que só precisará ser dotado de palavras. Pressentimos antes algo indefinível, que eu compararia com uma ausência, um súbito abandono da tensão intelectual – e o chiste surge então de um golpe só, em geral ao mesmo tempo que sua roupagem”<sup>5</sup>.

Há, no início, uma ausência, um espaço de um lapso e, de um golpe só, o inesperado, a surpresa o que desperta.

“O pensamento que mergulha no inconsciente com vistas à formação do chiste está apenas procurando pelo velho lar de seu jogo primitivo com as palavras”<sup>6</sup>.

Miller destaca que o que Freud chama de “velho prazer” é “o prazer que está ao nível da simples assonância, do simples significante, ou do sem sentido, próximo àquele da infância, quando se prescinde do sentido”<sup>7</sup> e acrescenta que “(...) o prazer puro do jogo dos significantes é o que dá acesso ao prazer da pulsão. Mas em outro sentido, o chiste dá sentido para fazer passar o sem sentido do antigo prazer”<sup>8</sup>.

Ao justificar que o chiste afunda suas raízes no inconsciente, demonstra que não é a compreensão ou o sentido o que nos faz rir, mas a pulsão. “Aquilo que está presente na explosão de riso é a satisfação da pulsão”<sup>9</sup>. A pulsão freudiana se expressa em palavras mantendo em seu centro o núcleo de gozo do sem sentido.

Lacan refere que nos reconhecemos na ocorrência do chiste porque ela procede da *lalangue*<sup>10</sup>. O chiste surge de um *lapsus*, de um equívoco inesperado, roça o real, em um instante, abre um espaço que perturba a defesa e produz efeito na distribuição do gozo. O saber fazer do *Witz* se funda então no equívoco pelo que opera *lalangue*, “é um curto-circuito, uma economia a respeito do prazer, de uma satisfação”<sup>11</sup>. O riso sanciona o ponto em que o curto-circuito passa e faz furo no sentido, um dizer que diz mais da-

3 *Ibid*, p.278

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.101

5 FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente. *In: Obras Completas*, Volume 7, Companhia das Letras, 2017, p. 239.

6 *Ibid*, p.242.

7 MILLER, J.A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 323. (tradução livre)

8 *Ibid*.

9 *Ibid*, p.336.

10 LACAN, J. L'insu que sait de l' une-beuve s' aile à mourre, *In: Revista Lacaniana*, ano XVI, nº 29, p.9

11 LACAN, J. *O Seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, p.94. (tradução livre)

quilo que se pode saber, mostra em um instante que o sentido é que a relação sexual é fora de sentido. Nesta perspectiva o riso irrompe como efeito de afeto no corpo.

Esta versão renovada do chiste indica que já não se trata do retorno de um saber não sabido, mas de uma equivocação que se sustenta do tecido mesmo do inconsciente, ilumina a materialidade do significante e toca o corpo. Nesse sentido o enunciado interpretativo tem a estrutura do *Witz* que lê de outro modo à economia de gozo em jogo no dizer do falasser, lê o que se ouve do significante, o que ressoa visando o gozo.

“Não temos nada a dizer sobre o belo. É de outra ressonância que se trata, a ser fundada sobre o chiste. Um chiste não é belo. Ele se ocupa de um equívoco”<sup>12</sup>. O equívoco curto-circuita o sentido, sua ressonância se liga a uma poética que faz furo, vazio. Ressoa, não por sua beleza, mas porque toca o gozo. Se o efeito da interpretação provoca o riso é porque, às vezes, acerta o alvo.

---

12 LACAN, J. Rumo a um significante novo. In: *Opção Lacaniana*, São Paulo: Éolia, nº 22, 1998, p.11.

## EIXOS TEMÁTICOS

EIXO III - RISO: MODO DE USAR

OU

MANUAL DO RISO NA CLÍNICA

*“A beleza do mundo [...] tem dois gumes, um de riso,  
outro de angústia, cortando o coração ao meio”.*

*Virgínia Woolf*

*Cartel responsável:*

*Maria do Carmo Dias Batista (+ 1)*

*Mirmila Alves Musse*

*Tatiana Vidotti*

*Teresinha Natal Meirelles do Prado*

*Veridiana Marucio*

### 1. Informações de segurança

No pensamento ocidental há uma forte tradição de considerar o riso e o risível pelo prisma do julgamento, seja ele estético (Aristóteles), intelectual ou moral (Bergson). Não exploraremos esses pontos, já destacados nas apresentações dos eixos epistêmico e político. Na versão da clínica, terceira da série, trabalharemos o paradigma que inscreve o riso na descontinuidade do julgamento.<sup>2</sup>

Kant postula que o efeito de surpresa que desencadeia o riso reduz ao nada a tensão de uma espera. Freud, a partir da ideia kantiana, interessado e motivado pela perspectiva clínica, criou uma abordagem própria através da noção do riso como redutor da tensão. Introduzida em seu modelo econômico, a redução da tensão permitiu-lhe extrair três modalidades de riso: o cômico, o chiste e o humor.



*Friends II (2021), Johnson Tsang*

1 WOOLF, V. *Um quarto só seu*. São Paulo: L&PM, 2019, p.14.

2 ARKHIPOV, G. Le rire et le néant dans, l'œuvre freudienne. <https://enversdeparis.org/le-rire-et-le-neant-dans-loeuvre-freudienne/>

## 2. Especificações técnicas

O Cômico – não confundir com a comédia, definidora de um gênero literário ou cênico – neutraliza momentaneamente a inibição e produz uma descarga. Esse mecanismo pode ocasionar uma identificação passageira com um personagem cômico e aliviar os fardos pesados e insuportáveis da cultura. É indicado para reencontrar o riso infantil perdido.

O Chiste – recomenda-se também não o confundir com a comédia. Sua ação pode neutralizar o senso-comum e o uso habitual das palavras. À diferença do cômico, que age sobre a imagem do corpo e nas primeiras inibições que organizaram a vida do homem cultural (*homo culturalis*). O chiste opera com representações (*Vorstellungen*) que passaram pelo processo de recalque.

Atenção! Esta modalidade pode não estar presente em todos os casos. Nota-se seu efeito instantâneo, vivo e fulgurante. Às vezes, produz riso, mas não o riso da queda da imagem de um adulto sério e inibido pelos ideais correntes. Trata-se aqui de outro tipo de surpresa.

O Humor – tem a função de drenar o afeto doloroso. Para ilustrar seu mecanismo, Freud evoca a anedota de um condenado que, levado à forca em uma segunda-feira, comenta: “A semana está começando bem!” [...]. Em seguida, a caminho da execução, pede um cachecol para seu pescoço nu, para não pegar um resfriado.<sup>3</sup>

## 3. Ação na prática clínica

Alguns analistas relatam fatos constrangedores e engraçados que levaram ao riso cômico, por exemplo, quando um analisante derruba um vaso na sala de espera e espalha terra por todo lado, ou quando o analista se atrapalha e tropeça no tapete da sala. Pode ser que um dos dois não ache graça, mas o efeito cômico está presente.

Com relação ao riso do chiste, o analista deve prestar atenção tanto à cadeia acústica quanto à cadeia significativa e seus efeitos de sentido. Atenção: durante uma sessão de análise, pode acontecer passagem do lapso ao chiste.<sup>4</sup> As condensações ou deslocamentos, construídos como no exemplo conhecido de Freud, o *familiário*, são irrupções intempestivas que produzem um corte no sentido do que se quer dizer e consideradas lapsos que escapam ao sujeito. Aquele que o pronuncia não visa o riso, mas quem escuta pode dar-lhe o estatuto de chiste. O analista, portanto, na posição de terceiro, faz passar do lapso ao chiste.<sup>5</sup>

Ex.: dizer uma palavra em vez de outra, dobrá-la, comprimi-la, dar-lhe outro sentido.

3 FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente. In: *Obras Completas*, v. 7, Cia. das Letras, 2017, p. 324.

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

5 WIENER, S. *Entre Witz et humour*. <https://www.cairn.info/revue-champ-psy-2015-1-page-115.html>

O chiste, ligado ao material verbal e à criatividade própria à linguagem, instala-se no registro da língua. Esse ponto o diferencia sensivelmente do humor, que pode produzir riso de algo que não é engraçado, podendo até ser trágico. O dito espirituoso, ao fazer rir, diminui a tensão e a carga da angústia.

Atenção! O chiste só é humorístico e desperta o riso quando preenche determinadas condições: surpresa, ambiguidade, afeto doloroso suprimido.

Woody Allen: “Não é que eu tenha medo da morte, mas preferiria estar em outro lugar quando ela acontecer”.

O humor supõe trabalho, elaboração e criação. Não é a realidade que é engraçada, mas aquilo que dizemos, como propõe Lacan no *Seminário 5*, ao se perguntar sobre o que provoca o riso. Não seu sentido, mas sua interpretação, ou seu *nonsense*. Não o prazer que ele nos oferece, mas o que obtemos ao constatarmos que não há nada que possa nos satisfazer.

Atenção! Humor não é ironia. Diferem em flexibilidade e universalidade. O irônico ri dos outros, o humorista ri de si ou de todos, inclui-se no riso.

Freud apresenta formas possíveis do riso: do tipo colapso sonoro, descarga, irrupção brusca e para enfrentar a dependência inexorável em relação ao Outro da linguagem, desdramatizando e contornando aspectos ridículos dos sujeitos e das coisas. De um lado, potencializa o desamparo; de outro, há o triunfo de reduzi-lo a nada.

Se o riso cômico opera com a inibição e o riso do chiste com o sintoma, poderíamos definir o riso do humor, considerado por Freud uma defesa digna na vertente cômica do supereu, uma posição ética com relação à angústia? Maiores informações no item 5.

#### 4. Informações Práticas

No *Seminário 5*, Lacan evoca as variedades desse fenômeno, afirmando que “[...] a questão do riso ultrapassa muito amplamente tanto a do espirituoso quanto a do cômico”<sup>6</sup>. Segundo ele, há ainda o riso do riso, o que não convém, o incontido das crianças, o de angústia, o de nervoso da vítima, o de desespero. O riso toca também a imitação, o dublê, o sósia, a máscara e o que desmascara. Está situado no campo da imagem: “O riso eclode [ao ver alguém levar um tombo] na medida que, em nossa imaginação, o personagem continua sua marcha enquanto o que o sustenta de real fica ali, plantado e esborrachado no chão”<sup>7</sup>. O riso é, portanto, o ridículo da verdade...

Como um afeto o riso escoia o que não tem cabimento, por exemplo, quando nos referimos aos acessos de riso como catarse. Mas, lembra Lacan, para que se possa rir do que remete ao

6 LACAN, J. *Op.cit.*, p. 135.

7 *Idem*, p. 137.

cômico, ao chiste e ao humor, é preciso ser da mesma paróquia. É preciso minimamente acreditar no Outro.

Ainda no *Seminário 5*, Lacan retomará o riso como “a primeira comunicação verdadeira”<sup>8</sup> do bebê, mesmo antes da fala. Esse mecanismo fisiológico do sorriso, inclui relaxamento e satisfação, mas também chamado, apreensão e reconhecimento da presença de quem cuida. Na brincadeira que modula a presença do Outro, encontra-se a raiz da identificação, que ao mesmo tempo se opõe ao riso.

Há algo de preestabelecido, anterior à nossa existência, que determina os modos de fazer rir. O riso pode amortecer o absurdo de nosso destino e ao mesmo tempo afastar algo que só a experiência de uma análise proporciona, pois é conduzida pela paixão e não pelos afetos (tema que talvez requiera outro manual).

Os afetos são secundários, atingem o corpo de quem os experimenta, dirá Lacan. Eles enganam, assim como os sentimentos, pois nos afastam do real que nos interessa, não o sem-sentido, mas o fora do sentido, que extrapola o curso habitual de nossa existência. A regra não se aplica à angústia.

O riso apresentado neste manual pode ser um leve despertar, que antes de recobrir a falha que se abre como o ridículo da verdade, logo é recoberto de sentido; por isso a gargalhada é o sinal de que voltamos a dormir.

Para a psicanálise, interessa esse riso aqui nomeado como ‘do sujeito’?

Talvez o riso possa levar alguém a procurar um analista por nunca ter se levado a sério na vida ou, durante um tratamento, quando não pode falar de seu sofrimento sem rir.

**Ex.:** Freud ficou intrigado com o estranho sorriso do Homem dos Ratos ao relatar o suplício chinês. Sorria ao narrar a voracidade dos ratos escavando o ânus do prisioneiro. Sabe-se, há muito, da associação entre o “estranho sorriso” e o prazer na dor – primeira noção freudiana de gozo, conceituada por Lacan como gozo do sentido (*jouis-sens*).

Em outra cena, o HR conta que, aos três anos, foi surrado pelo pai. Enquanto era atingido nas nádegas, por não saber xingar, gritava: “seu lâmpada! seu lenço! seu prato!”. Ri o leitor de Freud. O menino foi punido por ter mordido a babá, num indício de atividade autoerótica. Pode ter se iniciado aí certo sadomasoquismo, descrito por Freud na neurose obsessiva (Observações sobre um caso de Neurose Obsessiva. In: *Obras Completas*, v. 9, p. 67-69).

8 *Idem*, p. 343.

## 5. Solução de problemas?

Haveria outro modo de riso que interesse à psicanálise? Qual? O riso do humor ou fora de todo humor? Recorremos à variação, em francês, do que em português designamos apenas como *humor*: há o *humour*, como trabalham Freud e Lacan nos textos já citados e há o *humeur*, destacado por JAM.<sup>9</sup>

Para ele, o *humeur* não é um termo clínico, pois a psicanálise não o considera um afeto. Diferentemente da angústia que, por sua estreita relação com a verdade, “para o sujeito, não engana”. O diagnóstico de transtorno do humor pressupõe, para a psiquiatria, uma linha que balize e determine os efeitos de regulação do *humeur*. Um equívoco, segundo JAM: além de não ser afeto, caso fosse possível fazer essa regulação, deveria ser entendido como gozo. O *humeur* se situa na “base contínua da existência subjetiva ou, se quisermos, na junção mais íntima do sentimento de vida para cada um.”<sup>10</sup>

Essa variação é esclarecedora: há o riso como efeito do *humour* e de fenômenos de corpo. O *humour* se associa à vertente cômica do supereu, tocando o sujeito na miséria de sua impotência; provoca riso no Outro e pode ser um tipo de tratamento diante do supereu e da angústia de castração. Por outro lado, há o *humeur*, na vertente do gozo do corpo, à disposição de uma desregulação do temperamento. Neste, o riso “estaria fora de todo humor”<sup>11</sup>. Ao contrário daquele, este tipo de humor não faz laço, pois em se tratando do gozo do Um, exclui e segrega o Outro.

Atenção! Qual riso seria uma posição ética diante da angústia? O do *humour* ou o do *humeur*?

## 6. Usos do riso na clínica

A questão central deste eixo são os usos do riso na clínica. Vejamos:

**6.1** Gustavo Stiglitz<sup>12</sup> apresenta, a partir do riso, duas vertentes do humor: a da evidência da não-relação sexual à possibilidade de tomar o supereu como “motor de orientação em direção ao outro sexo”. Com o riso sustentava a ilusão da existência da relação sexual, quando suas escolhas amorosas eram cristalizadas pelo traço materno: “um olhar triste”. “Fazer-se palhaço do Outro” permitia-lhe devolver “aquilo que escasseava no Outro”.

Associar o significante palhaço à figura do analista será o motor da transferência negativa em seu último segmento de análise. Na infância, o palhaço era um “objeto de horror, com suas bocas abertas, devoradoras, de risos estridentes.” O humor, antes do lado do supereu, adquire outra versão para encarar o desejo do analista. Na transformação do objeto-voz materno de imposição ao gozo, ocorre uma inversão: o humor no amor pôde se transformar em *ahumor*, sem abandonar aquilo que caracterizava o mais singular de sua existência: “as palavras engenhosas e as torções da língua”.

9 MILLER, J.-A. *Variaciones del humor*. Buenos Aires: Paidós, 2015, p. 72.

10 *Ibidem*.

11 GOMÉZ, M. O riso nos processos de segregação e os fanatismos – O humor vs. a zombaria (chacota). *Lacan XXI, Revista Fapol Online*, maio 2019, v. 1.

12 STIGLITZ, G. Testemunho de passe. *Revista Arteira*, v. 1, n.1, 2008.

**6.2** Oscar Ventura é claro ao falar sobre a irrupção de uma gargalhada após a surpresa da decomposição de um significante no sonho, quando “uma figura sem forma salta [...] e se precipita no vazio”. Esse impacto produzia “um ruído seco, fulminante e fugaz”, seguido de silêncio, angústia, mas também curiosidade. Ele pergunta: “Quem é?” Uma voz anônima responde: “É sueco”<sup>13</sup>. Ao despertar, a operação realizada pelo pensamento decompõe “sueco” em “su-eco”, produzindo uma “gargalhada intempestiva” que toma o corpo, como na infância, “quando uma palavra estranha, sem significação alguma, ao ser dita, precipitava um ataque de riso, desses que não se pode parar e que deixam o corpo leve, preparado para a contingência da vida.”<sup>14</sup>

Neste caso, o riso, como um acontecimento de corpo, produziu um corte: a partir do equívoco, a metonímia cessa, restando a letra. Ao corpo que ri, não há sentidos a serem atribuídos, restando outra satisfação: menos “escravo da metonímia” e mais “buscador de letras”.

**6.3** Esthela Solano<sup>15</sup> relata um episódio de sua análise. Como de costume, às seis da tarde, chegou à sessão. Alguns minutos depois, Lacan a faz entrar no consultório. Ela diz: “Sonhei com uma mulher que vinha [*venait*] a Paris”. Lacan responde: “É isso”. E corta. Em direção à saída, tão desconcertada como sempre, escutou de repente de outro modo o que havia dito: “Uma mulher que quer [*veut*] nascer [*naître*] em Paris.” Ela pensa: Eureka! E começa a rir às gargalhadas. Uma nova dimensão se abriu. A partir desse dia “pôde segurar o sintoma pelas orelhas, pois não estavam mais tampadas, fechadas pela circularidade das significações [...]. O tampão do sentido soltou-se de repente liberando a lalíngua do envoltório da linguagem”. Note-se que ela nasceu em Córdoba, Argentina, fez análise com Lacan por seis anos em Paris, cidade onde vive e pratica a psicanálise. A produção abrupta de sentido a partir do “querer nascer em Paris”, provocou uma gargalhada em vez de uma amplificação significativa. Um acontecimento de corpo, vinculado ao gozo e ao real.

**6.4** “Quanto mais somos santos, mais rimos”<sup>16</sup>, frase de Lacan que encerra um dos textos de Dalila Arpin.<sup>17</sup> Jovem séria e estudiosa, sempre a melhor aluna da classe, cheia de louvores e medalhas. Adulta, é a “mulher-orquestra”, escabelo no qual sobe para parecer bela. Porém, angústia, pusilanimidade e pensamentos “cinzas” a assaltam a cada prova. Sua certeza é de fracasso, mesmo obtendo a nota máxima. Malgrado o pessimismo eterno, exibe um sorriso de mascarada. Depois de duas análises, escuta do terceiro e último analista: “É a sua morosidade”. Tenta de todas as formas separar-se desse fundo triste, identificada à mãe e ao avô materno, depressivos. Por outro lado, o bom humor do pai respondia perfeitamente à seriedade da mãe. Assim, ela escolhe parceiros belos e tenebrosos. Depois do encontro com a imagem de um primo humorista célebre, esboça sua solução: o humor pode tratar a morosidade. É o traço de ligação com seu parceiro atual, jovem e bem-humorado. Em efeito retardado, esse sintoma, o humor, retoma o acontecimento originário do encontro do corpo com o gozo: a alegria. O equívoco está na entrada, a interjeição “Que séria!” transforma-se em “Que se ria!”.

13 VENTURA, O. “Cuando el sueño despierta un cuerpo”. In: *Papers*, n. 6. [https://congresoamp2020.com/en/el-tema/papers/papers\\_006.pdf](https://congresoamp2020.com/en/el-tema/papers/papers_006.pdf)

14 *Ibidem*.

15 SOLANO-SUÁREZ, E. *Tres segundos con Lacan*. Barcelona: Gredos, 2021, p. 20.

16 LACAN, J. “Televisão”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 519.

17 ARPIN, D. “La femme qui rit”. In: *La cause du désir – Revue de Psychanalyse*. n. 95, p. 138.

### 6.5 Na contracapa do *Seminário 23*, JAM escreve:

“Assim como Dante pegando a mão de Virgílio para avançar pelos círculos do Inferno, Lacan pegava a de James Joyce, o ilegível irlandês, e, seguindo esse franzino Comandante dos Incrédulos, entrava com um passo titubeante na zona incandescente onde ardem e se retorcem mulheres-sintomas e homens-devastações. [...] Riam, meus caros! Por favor, zombem! Nossa ilusão cômica está aí para isso. Assim, não saberão nada do que se desenrola aos seus olhos arregalados: o questionamento mais meditado, mais lúcido, mais intrépido da arte sem similar que Freud inventou, e que conhecemos sob o pseudônimo de psicanálise”.<sup>18</sup>

Esse questionamento risível da psicanálise, feito por Lacan, torna-se evidente em *O aturdido*, escrito no qual encontramos um Lacan Joyceano, como na frase a seguir, alusiva ao sem-sentido e ao riso: “O que me aborrece é que os aforismos, que aliás contento-me em apresentar em botão, transformem em refletores os fossos da metafísica (porque o númeno [*noumène*] é a chacota, a subsistência fútil...). Digo que eles provarão ser o mais-de-nonsense [*plus-de-nonsense*] mais engraçados, numa palavra, do que aquilo que assim nos conduz [*nous mène*] ...”<sup>19</sup>

O chiste de Lacan na frase acima, númeno – nós mesmos [*noumène – nous même*] e a ressonância de mais-de-nonsense com mais-de-gozar, conforme destaca Marie-Claude Sureau, são demonstrações do *esp de nonsense* que surge no fim da análise e pode fazer rir.

## 7. Manutenção e cuidados

### 7.1 Qual riso interessa à psicanálise? Algum riso não interessaria?

- O riso é um afeto e pode tocar o real, já o *humeur* não é um afeto e está ligado ao gozo.
- O riso é o ridículo da verdade, por isso nos interessa.
- Há uma diferença entre riso-afeto e riso-acontecimento. O riso-acontecimento não é o riso no Outro, nem o gozo tal como trabalhado por JAM com o termo em francês *Humeur*.
- E quanto ao riso que seria a encarnação do supereu contemporâneo (Goze!)?

**7.2** Georges Perec escreveu *A vida modo de usar*<sup>20</sup> em 1987. Um manual, uma bula para mostrar o impossível de normatizar a vida; acaba descrevendo, uma a uma, as vidas dos moradores de um edifício em Paris, cortado longitudinalmente, tornando o manual um quebra-cabeças irônico e sem padrões.

Este é o texto do eixo clínico: seu título, inspirado em Perec; seu produto, um antimanual.

18 LACAN, J. “O aturdido”. In: *Outros Escritos*. Op. cit., p. 480.

19 SUREAU, M.-C. “Escrita Gaia ou Esp de um riso”. In: *GAIO. Boletim das Jornadas R.I.S.o da EBP-SP*. n. 3, p. 5. A autora retoma Éric Laurent em *Rire des normes*.

20 PEREC, G. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#### FREUD

FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente. *In: Obras Completas*, v.7, São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.324.

#### JACQUES LACAN

LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. *Televisão*. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 519.

LACAN, J. *O Aturdido*. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 480.

#### JACQUES-ALLAIN MILLER

MILLER J-A. *Variaciones del humor*. Buenos Aires: Paidós, 2015, p.72.

MILLER J-A. *Contracapa*. *In: O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

#### OUTROS AUTORES

ARKHIPOV, G. *Le rire et le néant dans l'œuvre freudienne*. <https://enversdeparis.org/le-rire-et-le-neant-dans-loeuvre-freudienne/>

ARPIN, D. *La femme qui rit. La cause du désir - Revue de Psychanalyse*, n.95, p.138.

GOMÉZ, M. *O riso nos processos de segregação e os fanatismos – O humor vs. a zombaria (chacota)*. *Lacan XXI, Revista Fapol Online*, maio 2019, v.1.

PEREC, G. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

SOLANO-SUÁREZ, E. *Tres segundos con Lacan*. Barcelona: Gredos, 2021, p.20.

STIGLITZ, G. *Testemunho de passe*. *In: Revista Arteira*, n.1, 2008, v.1.

SUREAU, M.-C. *Escrita Gaia ou Esp de um riso*. GAIO. *Boletim das Jornadas R.I.S.o da EBP-SP*, n.3, p.5. A autora retoma Éric Laurent em *Rire des normes*.

VENTURA, O. *Cuando el sueño despierta un cuerpo*. *Papers*, n.6. [https://congresoamp2020.com/en/el-tema/papers\\_006.pdf](https://congresoamp2020.com/en/el-tema/papers_006.pdf)

WIENER, S. *Entre Witz et humour*. <https://www.cairn.info/revue-champ-psy-2015-1-page-115.html>

WOOLF, V. *Um quarto só seu*. São Paulo: L&PM, 2019, p.14.

## ESP DE UM RISO

### WITZ – O PRAZER DA SURPRESA E A SURPRESA DO PRAZER

Marco Aurélio Monteiro Peluso  
Participante da Comissão de Referências Bibliográficas



Poema (1979), Lenora de Barros.

“O que lhes disse da vez passada concernia ao Outro, esse bendito Outro que, na comunicação do *Witz*, virá completar – de certa maneira preencher – a hiância constituída pela insolubilidade do desejo. Podemos dizer que o *Witz* restitui o gozo à demanda essencialmente insatisfeita, sob o duplo aspecto, aliás idêntico, da surpresa e do prazer – o prazer da surpresa e a surpresa do prazer.”<sup>1</sup>

Assim Lacan aborda o chiste em seu Seminário “As formações do inconsciente”<sup>2</sup>. Relaciona-o ao Outro, sem o qual não se completa, e ao desejo, cuja insolubilidade essencial será, “de certa maneira”, preenchida por esse dizer.

No caso do analisante ser o autor do chiste, o papel do Outro que, “de certa maneira”, preenche a hiância do desejo cabe ao analista. Ao ser colocado nessa posição – posição, por definição, de quem preenche a hiância do desejo –, não estaria o analista respondendo à demanda?

E no caso do analista ser o autor do chiste, não haveria o risco do mesmo? Afinal, se “o *Witz* restitui o gozo à demanda essencialmente insatisfeita”<sup>3</sup>, não estaria o analista, novamente, respondendo à demanda?

Lacan responde: “O Outro é indispensável para o fechamento do circuito que o discurso constitui...”. “Esse circuito é a autenticação, pelo Outro, daquilo que, em suma, é uma alusão ao fato de que nada na demanda, desde que o homem entrou no mundo simbólico, pode ser alcançado, a não ser por uma sucessão infinita de passos-de-sentido. O homem, novo Aquiles perseguindo uma outra tartaruga, está fadado, em razão da captação de seu desejo no mecanismo da linguagem, a essa aproximação infinita e nunca satisfeita, ligada ao próprio mecanismo do desejo, que chamaremos simplesmente de discursividade”<sup>4</sup>.

A possibilidade que se apresenta a um analista, então, é utilizar esse “circuito”, tanto de um lado como do outro, de maneira a acentuar a “aproximação infinita e nunca satisfeita” que o gozo restituído pelo *Witz* permite evidenciar.

1 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p.126.

2 *Ibid.*

3 *Ibid.*

4 *Ibid.*, p. 127.

## ESTÃO FAZENDO ARTE

### DO QUE RI “MONA LISA”?

Flavia Corpas  
Associada ao Clin-a  
Coordenadora da Comissão de Arte e Cultura

Não pude deixar de rir, acho que de espanto, quando, usando a expressão “sorriso de Mona Lisa” no Google, fui bombardeada por centenas de conteúdos sobre o filme homônimo estrelado, em 2003, por Julia Roberts. O sorriso de “Mona Lisa” realmente desgarrou-se de Leonardo da Vinci e de Lisa Gherardini?

Depois sorri novamente, agora lembrando do historiador da arte inglês Kenneth Clark, nome relevante na literatura especializada sobre Da Vinci, quando diz que “sua arte, e a personalidade que ela revela, é de interesse universal e, como toda grande arte, deveria ser reinterpretada por cada geração”<sup>2</sup>. São muitas as releituras da Mona Lisa: de Marcel Duchamp – *L.H.O.O.Q.*, (1919) – às atuais figurinhas de WhatsApp, passando por Roman Cieslewicz – *Mona Tsé-Tung* (1976), Nelson Leirner – série *Cem Monas* (2012), Banksy – *Sem título*, anos 2000 – e tantos outros. E aqui podemos seguir também o poeta Paul Valéry em sua reflexão sobre Leonardo quando afirma que “o objeto do artista não é tanto a obra, mas o que ela fará dizer, e que nunca depende simplesmente do que ela é”<sup>3</sup>.

Fato é que tive que digitar “sorriso de Mona Lisa Leonardo da Vinci” para encontrar diferentes leituras, sobretudo do campo da arte, e distintas daquela feita por Freud a respeito do icônico sorriso. Buscava abordagens mais recentes pois, devido a um antigo interesse pelo texto “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”<sup>4</sup>, sabia que a todo momento novas leituras sobre as obras de Leonardo da Vinci, e sobre o próprio, eram produzidas.

A pesquisa revelou a pluralidade de interpretações de tal sorriso. Trata-se de um enigma ou mistério. Ou, não há nada de enigmático ou misterioso. Os opostos nos permitem dizer que é um sorriso que resiste à apreensão tanto teórica, quanto àquela derivada da (tão concorrida) experiência com a obra. Na vertente do enigma, muitas são as justificativas sustentadas pela



Marcel Duchamp – *L.H.O.O.Q.*, (1919)

1 Nome de solteira da famosa Mona Lisa, modelo da mais conhecida pintura do artista renascentista. Lisa se casa com Francesco del Giocondo, adotando seu nome, daí a designação *La Gioconda*, para se referir também a esta obra.

2 CLARK, K. (1939). *Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

O livro de Keneth Clark é considerado “um dos melhores livros sobre Leonardo” por Meyer Schapiro, autor daquela que teria sido, para muitos, a crítica devastadora do texto de Freud “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci” (1910 [1909]). Schapiro afirma ainda que Clark “prestou homenagem a Freud ao reconhecer como admirável sua explicação acerca da pintura de Santa Ana, a Virgem e o Menino Jesus”. Curioso pensar que Clark, admirado por Shapiro, renda homenagem a Freud. Mas isso é uma outra história...

3 VALÉRY, P. (1894). *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*, São Paulo: Ed. 34, 1998. p. 17 nota.

4 FREUD, S. (1910[1909]). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In: *Arte, Literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

questão técnica, o *sfumato*. Na vertente oposta, o contexto cultural o explica: manuais do século XV, por exemplo, determinavam como as damas deveriam sorrir.

Contudo, foi no já conhecido, e até antigo, livro de Martin Kemp<sup>5</sup>, que estava a reflexão que pareceu ser mais instigante ao diálogo. Segundo o historiador da arte inglês, apenas este retrato de Leonardo olha diretamente para o espectador, o que torna a obra tão especial. E “Mona Lisa” sorri para nós e além de nós, afirma Kemp. A forma como o retrato nos olha “nos faz sentir que seremos testemunhas do tipo de segredo prometido pelas sorridentes e enigmáticas damas da “Divina Comédia”<sup>6</sup>. O anjo da “Anunciação” e “São João Batista” prometem revelações semelhantes do inefável.

Além disso, seu corpo ocupa um lugar distinto na composição da cena, o que faz dela imediata e envolvente, produzindo uma presença. “Não podemos deixar de sentir que o artista ficou atraído como nunca, por seu lado, por Lisa Gherardini”<sup>7</sup>. Leonardo se dedicou muito a execução desta obra. Por que teria ficado tão ligado a ela? Porque Leonardo “viu a imagem se transformando num veículo para ideias mais profundas que achava que a pintura devia incorporar”<sup>8</sup>.

Desta forma, Kemp nos revela que o sorriso é trabalhado para se transformar em algo universal e não individual (o sorriso de Lisa), o que não retira dele sua singularidade, visto que é único, dentre as obras de Leonardo. Ainda que se aponte para o universal, “Leonardo estava muito consciente das ressonâncias que era capaz de estabelecer entre os pensamentos íntimos de seus retratados e os do espectador”<sup>9</sup>, produzindo um efeito hipnótico nesta comunicação direta, que chega a ser descrita como uma indissociabilidade entre a vida de cada um e a vida do mundo<sup>10</sup>. Por fim, parece que o autor nos diz que, tanto do ponto de vista técnico, quanto simbólico, esta imagem de mulher não se estabiliza. E o sorriso é um dos motivos para isso. Estaria aí seu ponto enigmático?

E, resumidamente, qual a leitura de Freud? O sorriso de “Mona Lisa” seria o sorriso da mãe de Leonardo, que ele faz comparecer ainda em outras obras. Uma vez reencontrado esse sorriso, ele é reimpresso em outros momentos pelo artista, como em seu “São João Batista”. Não reencontramos nisso, seguindo os passos de Freud, o enigmático? Sabe-se que o texto de Freud, em 1956, foi alvo da crítica do historiador da arte inglês Meyer Schapiro<sup>11</sup>. Lacan dá ao historiador uma resposta divertida e irônica, na última parte do *Seminário 4*<sup>12</sup>, onde situa a relevância do texto para a psicanálise: nele Freud introduz, para a criança, a “importância da função da mulher fálica e da mãe fálica”<sup>13</sup>. Problemática que ele retomará anos mais tarde no *Seminário 19*<sup>14</sup>, mos-

5 KEMP, M. *Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

6 *Ibid.*, p. 167.

7 *Ibid.*, p. 165-66.

8 *Ibid.*, p. 167.

9 *Ibid.*

10 *Ibid.*, p. 168.

11 SCHAPIRO, M. (1956). *Leonardo and Freud: An Art-Historical Study*. Journal of the History of Ideas, Vol. 17, No. 2 (Apr., 1956), pp. 147-178. Ver nota 2.

12 LACAN, J. (1956-57). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

13 *Ibid.*, 441.

14 LACAN, J. (1971-72). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

trando sua complexidade. “Há um tipo de mãe a que chamamos mulher fálica, termo que não é sem propriedade, mas que empregamos absolutamente sem saber o que queremos dizer. Recomendando-lhes prudência antes de aplicar esse rótulo<sup>15</sup>. Ainda que Lacan afirme que é em outra obra, *A Virgem, o Menino e Sant’Ana*, que está o osso da demonstração de Freud, o sorriso de Mona Lisa, obviamente, compõe parte importante de sua argumentação.

A questão, portanto, gira em torno do falo enquanto significante, que apenas pode operar a divisão entre os sexos, contudo, está impossibilitado de colocá-los em relação. Logo, não há relação sexual, indicativo de um real em jogo<sup>16</sup>.

Em torno do real é uma expressão que podemos usar para falar da operação da arte<sup>17</sup>. E podemos dizer que ela é válida considerando tanto as especificidades de cada obra, quanto àquelas relativas às diferentes formas de Lacan abordar a arte ao longo do seu ensino<sup>18</sup>.

Em R.S.I, Lacan afirma “desde que se fale algo que tem uma relação ao falo, é o cômico - que nada tem a ver com o chiste. O falo é cômico como todos os cômicos – um cômico triste”<sup>19</sup>. A comédia, ao menos aquelas comentadas por Lacan no *Seminário 5*<sup>20</sup>, faria rir porque ela desmascara, a seu modo próprio, a tendência de fazer a relação sexual existir, atributo imaginário do falo encoberto pelo amor. Mas, como nos lembra Lacan, “a comédia nos atinge por mil formulações dispersas. A comédia não é o cômico”<sup>21</sup>. “O amor, eis o ponto com que digo situar-se o ponto forte da comédia clássica”<sup>22</sup>. Assim, o falo estaria para o cômico como o amor para a comédia. Talvez por isso, o objeto esteja em questão no cômico.

A “Mona Lisa” de Leonardo não é cômica, tampouco é uma comédia. Mas ela ri. Por outro lado, cômicas e irônicas são suas releituras e apropriações mais contemporâneas.

Como diz Brousse<sup>23</sup>, os artistas nos ensinam sobre os modos de gozo de sua época. Será disso que ri “Mona Lisa”?

---

15 *Ibid.*, p. 137.

16 As relações entre o falo e o real são trabalhadas por Lacan no *Seminário 23*. Ele afirma ter tido uma boa surpresa ao reler sua “Significação do falo”, pois havia ali a evocação do nó, antes mesmo de se interessar pelo nó borromeano. E conclui: apenas o falo verifica o real. LACAN, J. (1975-76). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

17 Acompanhando o pensamento de François Regnault em *Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001, p. 30.

18 Esquemáticamente, e considerando as reflexões de Lacan a respeito da arte, poderíamos dividi-las em três formas, seguindo a definição de Recalcati: a estética do vazio, a anamórfica e a da letra. RECALCATI, M. *Las tres estéticas de Lacan*. In: RECALCATI, M. *Las tres estéticas de Lacan: arte y psicoanálisis*. Buenos Aires: Del Cifrado, 2006.

19 Aula de 11 de março de 1975.

20 LACAN, J. (1957-58). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

21 *Ibid.*, p. 272.

22 *Ibid.*, p. 144.

23 BROUSSE, M. H. Conferências de Marie-Hélène Brousse. In: *Arquivos da Biblioteca*, v.5, 2008, p. 15-93.

## ACONTECE NA CIDADE

### A CENA EM ATO CANTADA É!

Comissão de Acolhimento

Dois palcos, no centro de São Paulo, são ocupados por artistas atravessado[re]s de música e de teatro ou de teatro e de música.

Cida Moreira, acompanhada de outros grandes, nos recebe com o show 'Poeta do riso e da dor', dando vida às canções de Sérgio Sampaio, na Casa de Francisca, dia 12/08. O poeta cantado cantou "*antigamente* quando eu não tinha nada, saía sempre na captura do que fazer e procurava, como todo mundo, encontrar você."

Não muito longe dali, no Bixiga, ao lado do *futuramente* Parque do Rio Bixiga, o espetáculo 'Rasga Coração' volta em cartaz no Teatro Oficina. As dezenas de artistas que ali estão, enlutados à maneira Zé Celso de encarar a tragédia chamada vida, fazem em ato com o riso resposta, aparato, trato no teatro ao r.existir.em. Ele, o riso, está lá, *insistentemente*, em cena, nas letras, nos coros, nos cantos, nas falas, nos corpos, galerias, calçadas, na pista do Teatro.

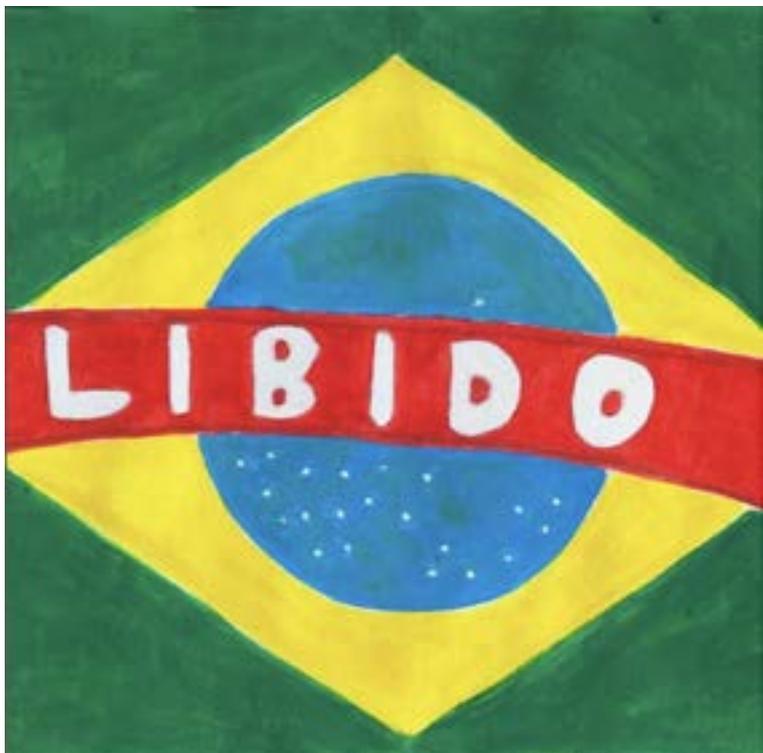
A peça musical 'Rasga Coração' surge "da devoração da obra de Heitor Villa-Lobos [...] Villa tem influência decisiva nas artes sintonizadas no surgimento da Tropicália". Estará em cartaz todos os sábados e domingos de agosto no Teatro Oficina Uzyna Uzona.

Camila Mota, atriz e diretora do Oficina, faz questão de nos lembrar que o teatro é uma tecnologia da presença e do encontro. Que a cena musical e teatral paulistana brasileira, *presentemente*, aconteça na impostura da tecnologia furiosamente delicada do ser e não ser dos encontros. Evoé!!!

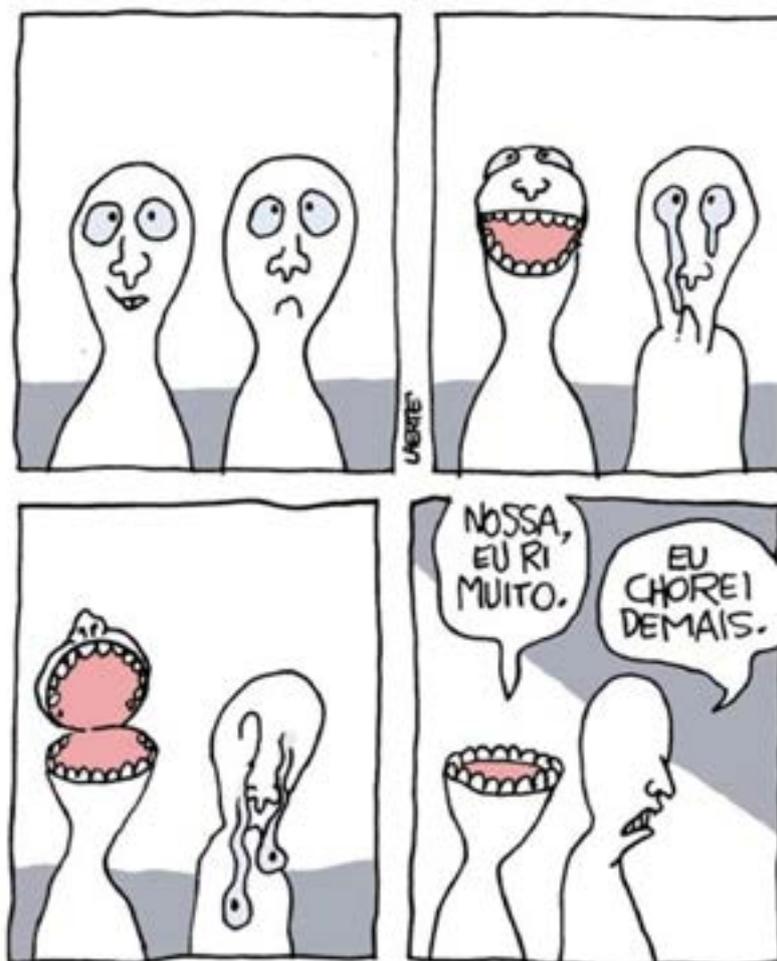
Referências e informações em:

<https://www.instagram.com/cidamoreiraoficial>

<https://www.instagram.com/oficinauzynauzona>



RSRSRS



Instagram: @laerteminotaura